

Cosme Rondó, exótico e cosmopolita

Natália Gomes-Godoi
Universidade Estadual de Londrina
ngbgomes@gmail.com

RESUMO: Ambientado em meio aos grandes tratados sociais da Idade Moderna, *O barão nas árvores* (1957) representa a jornada interna do sujeito na busca pelo equilíbrio entre suas aspirações individuais e seus deveres para com a sociedade, questão que se repetia no contexto pós-guerras em que foi escrito por Italo Calvino. O protagonista, Cosme Rondó, encontra e aperfeiçoa, ao longo de sua vida, o ponto perfeito em que poderia usufruir de sua liberdade sem renunciar a sua responsabilidade política e aos enriquecedores diálogos intelectuais. Nessa sua trajetória, assume o papel de estrangeiro em sua própria terra natal, sendo tratado por seus conterrâneos como um Outro exótico. Ao mesmo tempo, essa renúncia de identificação com uma região e uma cultura específicas faz dele um cosmopolita, cidadão do mundo. Personagem de um dos livros da trilogia *Os nossos antepassados* (1960), o barão Cosme antecede a identidade do sujeito pós-moderno, desvincilhada de limitações étnicas e territoriais.

Palavras-chave: *O barão nas árvores*. Cosme Rondó. Estrangeiro. Exótico. Cosmopolita.

ABSTRACT: Ambientato in mezzo a grandi trattati sociali dell'età moderna, *Il barone rampante* (1957) rappresenta il percorso interiore del soggetto nella ricerca dell'equilibrio tra le sue ispirazioni individuali ed i suoi doveri con la società, questione che si ripeteva nel contesto dopoguerra in cui è stato scritto da Italo Calvino. Il protagonista, Cosimo Rondò, trova e migliora nel corso della sua vita il punto perfetto in cui potrebbe godere della libertà senza rinunciare alla sua responsabilità politica e agli arricchenti dialoghi intellettuali. In questa traiettoria assume il ruolo di straniero nella sua propria terra natia, essendo considerato dai suoi compaesani un Altro esotico. Allo stesso tempo questa rinuncia di identificarsi con una regione e una cultura specifiche fa di lui un cosmopolita, cittadino del mondo. Personaggio di uno dei libri della trilogia *I nostri antenati* (1960), il barone Cosimo precede l'identità del soggetto postmoderno, libera delle limitazioni etniche e territoriali.

Parole-chiave: *Il barone rampante*. Cosimo Rondò. Straniero. Esotico. Cosmopolita.

ABSTRACT: Set in the midst of the great social treaties of the early modern period, *The Baron in the Trees* (1957) represents the subject's inner journey in the search for balance between your individual aspirations and your duties to the

society, issue that was repeated in the post-war context in which was written by Italo Calvino. The protagonist, Cosimo Rondò, finds e perfects throughout his life the perfect spot in which could enjoy his freedom without give up his political responsibility and the enriching intellectual dialogues. In this course, he assumes the role of stranger in his own homeland, being treated by his countrymen as an exotic Other. At the same time, this waiver of identification with a specific region and culture make him a cosmopolitan, a citizen of the world. Character in one of the books of the trilogy *Our Ancestors* (1960), the baron Cosimo precedes the identity of the postmodern subject's, free of the ethnic and territorial limitations.

Keywords: *The Baron in the Trees*. Cosimo Rondò. Stranger. Exotic. Cosmopolitan.

Protagonista de *O barão nas árvores* (*Il barone rampante*, 1957), de Italo Calvino, Cosme Chuvasco de Rondó surge no romance tendo apenas doze anos, mas bastante determinação. No primeiro capítulo, o menino já traça seu destino ao subir no carvalho do quintal de casa e declarar que jamais voltaria a tocar o solo, aborrecido que estava com as broncas levadas, em seu julgamento, injustamente e a constante cobrança de respeitar as etiquetas sociais, incluindo nisso jantar “sopa de escargots e iguarias da mesma porcaria” (CALVINO, 2014, p. 105). A história inicia-se em 1767 e desenvolve-se quase que totalmente no vilarejo de Penúmbria e seus arredores, pertencentes à então República de Gênova. Nesse contexto, herdeiro da nobreza, Cosme cresce vendo seu futuro ser planejado pela mãe e pelo pai: “ela que sonhava para os filhotes um posto num exército, qualquer um, ele que, ao contrário, nos via casados com alguma grã-duquesa eleitora do Império” (Ibid., p. 100). Abandonar o lar foi a solução que o jovem pensou encontrar para romper com sua linhagem, sinal de revolta que refletia os impulsos de sua idade, tal como as respostas malcriadas com que tentava atingir seu genitor: “saiu-se com aquela tirada feroz: ‘Estou me lixando para todos os seus antepassados, senhor meu pai!’, o que já anunciava sua vocação de rebelde” (Ibid., p. 101).

O que fez Cosme agarrar-se a sua resolução foram as ordens para descer das árvores que diversas vezes recebeu e a descrença que as pessoas naturalmente tinham da seriedade de seu plano. A teimosia infantil de afirmar sua autonomia nunca o abandonou, mesmo depois de crescido. Ele valeu-se de mecanismos e truques para sustentar-se acima do solo, garantindo um lugar seguro para não cair enquanto dormia e se proteger da chuva, do frio e das ameaças noturnas, desenvolvendo um sistema de acesso à água potável, conquistando habilidades de caça e colheita de frutos, confeccionando suas próprias roupas e ferramentas, tudo para não abrir mão de seu propósito. No entanto, apesar dessa aparente independência do solo, Cosme nunca abandonou a circunvizinhança de Penúmbria, em parte porque a densa vegetação do local lhe possibilitava uma mobilidade fora do comum, mas também porque, nas árvores, era possível resolver o paradoxo de desvencilhar-se das amarras sociais sem, com isso, afastar-se das pessoas. Afinal, “quanto mais decidido estava a ficar escondido entre seus galhos, mais sentia necessidade de criar novas relações com o gênero humano” (Ibid., p. 286).

Esse pensamento de Cosme não era, porém, partilhado por seu pai, barão de Rondó, que tanto prezava por sua aparência e posição social. Humilhado por ter um membro de sua família – justamente seu herdeiro! – exposto naquela condição extravagante e, além disso, manter contato com camponeses, artesãos e até ladrões, Armínio insistentemente tentou forçar, capturar e, por fim, constranger o filho a descer: “Pretendeis crescer como um selvagem das Américas? [...] A rebeldia não se mede em metros – disse. – Mesmo quando aparenta ter poucos palmos, uma viagem pode não ter retorno” (Ibid., p. 153). Depois disso, não houve qualquer outro esforço de sua parte para fazer Cosme voltar atrás, tendo sido essa conversa o primeiro sinal de que aquilo tudo deixara de ser um capricho de menino e tornara-se um rompimento com os códigos hierárquicos ocidentais. Alguns anos mais tarde, vendo que a velhice dele se

aproximava, o pai lhe concedeu seu título de barão; o rapaz, contudo, passou todas as responsabilidades de administração das posses e formalidades sociais ao irmão mais novo, Biágio.

Apesar de haver nascido e crescido em Penúmbria, no seio de uma família nobre, havia em Cosme um sentimento de não-pertencimento, pensando que todos conspiravam contra ele. Contaria Biágio, o narrador do romance: “Desse acúmulo de ressentimentos familiares só me dei conta depois: [...] não percebia que a teimosia de meu irmão era algo de mais profundo” (Ibid., p. 97) e também: “desde então incubou um rancor contra a família (ou a sociedade? Ou o mundo em geral?)” (Ibid., p. 100). O que contribuía para que o menino não se sentisse acolhido pela família eram as personalidades indecifráveis dos mais velhos. O pai, como mencionamos, estava sempre ocupado demais em suas análises de genealogias nobres, sucessões, rivalidades e alianças. A mãe, Corradina, não recebera o apelido de generala por acaso, tendo herdado do pai, general da Áustria, os gestos bruscos militares, e parecia ainda mais inacessível por quase sempre expressar-se em alemão, quando não estava fechada em suas dependências. Além dos impulsos sádicos e do comportamento cínico, a irmã Batista era dona de “uma alma rebelde e solitária” (Ibid., p. 101). Moravam ainda com eles o meio-irmão de Armínio, o cavaleiro advogado Eneias Sílvio Carrega, que se vestia à turca e parecia não saber comunicar-se, e o abade Fauchelafleur, preceptor de Cosme e Biágio. Este, por sua vez, quatro anos mais novo, apoiou os planos e as aventuras do irmão na infância somente até certo ponto; por possuir um caráter bem mais covarde e submisso às ordens dos pais, passou a ser visto por Cosme como um traidor de seus ideais.

Após mudar-se para as árvores, o protagonista declarou-se dono do novo mundo que descobria, como um colonizador: “Território pessoal, tudo aqui em cima. – E fez um vago gesto em direção aos ramos, às folhas e ao céu. – Nos ramos das árvores é tudo território meu” (Ibid., p. 112-113). Amadurecendo

um pouco, passou a ver essa relação de modo contrário, sendo ele acolhido pela natureza, que lhe proporcionava sustento e aprendizagens constantes: “Minha casa... – disse Cosme e apontou ao redor, em direção aos ramos mais altos, as nuvens –, minha casa está por toda a parte, onde quer que seja possível subir, andando para o alto...” (Ibid., p. 230). Submeteu-se, portanto, às leis naturais, diferentes daquelas que regiam os demais seres humanos, como fica claro ao serem apresentados outros habitantes suspensos, cujo comportamento muito contrastava com o seu. Tratava-se de um grupo de nobres rebelados contra o rei Carlos III que foram exilados da Espanha, e que, por conta de um antigo tratado político, não podiam ser abrigados em terras genovesas. A solução encontrada pelos moradores de Olivabaixa, aldeia próxima a Penúmbria, foi instalá-los sobre as árvores, visto que o acordo apenas proibia-os de “tocar o solo”. Ainda que aceitando a resolução, os espanhóis estavam naquela condição contra seu desejo, como demonstravam pela forma de vida que passaram a levar: equilibravam nos galhos selas e almofadas bordadas para melhor se acomodarem, dormiam sob baldaquinos, compravam mantimentos do comércio local abaixo deles e chegavam ao absurdo de decorar o espaço com pássaros engaiolados.

Cosme conviveu com os espanhóis por quase um ano, até o momento em que foram perdoados por Carlos III e partiram em regresso a seu país. Antes disso, tentou mudar-lhes os hábitos, encorajando-os a exercitarem o corpo, saltando entre os galhos, e a mente, conhecendo filósofos e revolucionários, mas abandonaram tudo quando souberam que o período de exílio havia acabado. Um dentre eles anunciou que ainda poderiam expor suas ideias perante às Cortes e à Coroa, mas já era tarde demais: “Entre os exilados, alguns desciam, festejados pelo povo, outros juntavam as bagagens. [...] seus companheiros de exílio naquele momento não queriam lhe dar atenção, e as damas já se preocupavam com os vestidos fora de moda, com o guarda-roupa

a ser renovado” (Ibid., p. 231). Apesar dos convites para morar na Espanha com eles, Cosme escolheu permanecer sobre as árvores da região, abrindo mão do romance com a jovem nobre do grupo por quem havia se apaixonado. A organização social dos espanhóis lhe desinteressava tanto quanto a dos penúmbrios: “ele era igualmente avesso a todo tipo de convivência humana vigente em sua época, e por isso fugia de todos, e se obstinava em experimentar novos; mas nenhum deles lhe parecia suficientemente justo e diferente dos outros” (Ibid., p. 286).

Perante qualquer comunidade, Cosme seria visto como um forasteiro, pois, como dissemos, eram às leis da natureza, seu verdadeiro país, que ele submetia-se. Essa é, conforme a definição de Julia Kristeva, em seu livro *Estrangeiros para nós mesmos*, a maneira de identificar-se um estrangeiro: “aquele que não pertence à nação em que estamos, aquele que não tem a mesma nacionalidade. [...] O grupo do qual o estrangeiro não faz parte deve ser um grupo social estruturado em torno de um certo tipo de poder político” (1994, p. 101). Apesar de continuar vivendo nos bosques de Penúmbria, o jovem não era um morador do vilarejo. Por conta dessa posição apartada e espacialmente superior, Cosme permitia-se vigiar as pessoas sob o pretexto de melhor compreender a sociedade: “aquele que pretende observar bem a terra deve manter a necessária distância” (CALVINO, 2014, p. 239). Podemos supor que ele não foi punido por isso apenas porque estava alheio à penalização humana; por atitudes bastante semelhantes às suas, de alteridade e voyeurismo, o protagonista Meursault, de *O estrangeiro* (1942), foi não apenas condenado, como também rejeitado pela sociedade, de acordo com o comentário de Roland Barthes (2004, p. 94) sobre o romance francês de Albert Camus.

Contudo, nem tudo era conveniente a Cosme por conta de seu desligamento da sociedade. Seus excêntricos hábitos causavam desconforto tanto a sua família, quanto aos demais penúmbrios, por identificarem nele algo

de si mesmos que não desejariam reconhecer. Esse sentimento foi denominado por Sigmund Freud como “*unheimlich*”, termo alemão de significado bastante conflitante que, no Brasil, foi traduzido por “estranho” ou “inquietante”. Segundo o estudioso, a palavra denota algo tanto familiar, quanto desconhecido, descrevendo um incômodo gerado pelo contato com uma pessoa ou situação que deveriam ser íntimas, mas por alguma razão apresentam-se como ameaça (FREUD, 2006, p. 238). O indivíduo sente-se vulnerável àquilo que o conhece tão bem, mas que não se assume como seu semelhante. Sem saber lidar com a desconfiança que as ações imprevisíveis do jovem barão lhe inspiravam, a população de Penúmbria valia-se da loucura para justificar a discrepância do personagem dentre os demais. Ainda assim, durante alguns episódios a sociedade penúmbria mudou de postura e permitiu-se recorrer aos conhecimentos políticos e práticos de Cosme para solucionar problemas internos, reconhecendo-o, nesses momentos, como um dileto conterrâneo. Essa alternância em considerá-lo um louco ou um gênio manteve-se cíclica, acompanhando os interesses vigentes da comunidade. O pretexto de loucura também era usado quando não podiam entender as atitudes ou palavras do barão, sendo-lhes essa uma explicação mais satisfatória que admitirem lhes faltar meios para acompanhar seu raciocínio revolucionário e universalista:

Que Cosme era louco, em Penúmbria sempre se disse, desde quando aos doze anos subira nas árvores recusando-se a descer. Mas, em seguida, como costumava acontecer, aquela sua loucura fora aceita por todos, e não falo somente da sua fixação de viver lá em cima, mas das várias esquisitices de seu caráter, e todos o consideravam um original, nada mais do que isso. Depois, em plena estação de seu amor por Viola houve as manifestações em idiomas incompreensíveis, especialmente aquela durante a festa do padroeiro, que alguns julgavam sacrílega, interpretando suas palavras como um grito herético, talvez em cartaginês, língua dos pelagianos, ou uma declaração de socinianismo, em polonês. Desde então, começou a circular a versão: “O barão enlouqueceu!”, e os bem pensantes acrescentavam: “Como pôde enlouquecer alguém que sempre foi louco?” (CALVINO, 2014, p. 275).

Para quem não pertencia a Penúmbria, o comportamento de Cosme era ainda mais fabuloso, por não estarem acostumados com a imagem de um homem habitante das árvores. As reações eram as mais variadas; viam-no como um ser inumano, atirando-lhe pedras ou criando mitos sobre ele: “Diziam que seus olhos tinham se tornado luminosos no escuro com os dos gatos e corujas” (Ibid., p. 164). Essas formas de lidar com o desconhecido bastante assemelham-se às que foram por séculos reproduzidas entre colonizadores, que se consideravam uma etnia superior, detentora do direito de impor sua cultura e explorar outros povos, e colonizados, muitas vezes conduzidos a ver os invasores como deuses.

No caso do barão, não havia distinção de nacionalidade quando se tratava de fabular a respeito dele, sendo prática de todos conferir-lhe certo ar de exotismo pitoresco, como podemos classificar utilizando-nos da teoria de Daniel-Henri Pageaux: “o Outro inofensivo é tratado como tipo, personagem com valor plástico” (2011, p. 167). A qualidade de inofensivo pode ser associada à loucura que gera riso, como a que julgavam perceber em Cosme. A posição de superioridade em que se colocava o resto do mundo em relação ao personagem era tamanha a ponto de contarem histórias e escreverem sobre ele, tal como os ocidentais faziam a respeito dos orientais até muito recentemente, no século XX, conforme aponta Edward Said (2007, p. 75-76). Conta Biágio a surpresa que teve ao viajar para França e descobrir que a fama de seu irmão chegava até lá:

Até num almanaque vi uma figura com a legenda: “L’homme sauvage d’Ombreuse (Rép. Génoise). Vit seulement sur les arbres”. Haviam-no representado como um ser todo recoberto de penugem, com uma longa barba e uma longa cauda, e comia um gafanhoto. Essa figura estava no capítulo dos monstros, entre o hermafrodita e a sereia (CALVINO, 2014, p. 238).

Poderíamos pensar que Cosme mantinha-se alheio a todas as fabulações que faziam a seu respeito, mas acontecia exatamente o contrário, aderindo ele

às criações e reunindo penúmbrios para narrar suas aventuras: exigindo todos novos detalhes das histórias, era “levado a fazer acréscimos, ampliações, hipérboles, a introduzir novas personagens e episódios” (CALVINO, 2014, p. 216). A essas fantasias juntavam-se as peculiares roupagens do barão, ora constituídas de peles, ora de penas, e a mistura de línguas clássicas e modernas em suas declamações de euforia para criar ele mesmo, em parte propositalmente, uma imagem quase tão mitológica de si quanto faziam as demais pessoas.

O exotismo, porém, não limita a identidade de Cosme; pelas mesmas manifestações citadas é possível conhecer outra faceta sua, a do cosmopolita. Essa palavra e o nome do barão, tanto no original italiano do romance, Cosimo, quanto na tradução brasileira, partilham da mesma raiz grega “*kosmós*”, cujo significado é “universo, mundo”. Desde que foi viver sobre as árvores, o personagem descobriu na leitura uma valiosa companhia, tendo contato com os mais diversos romances, poemas e tratados filosóficos. Foi o início da ampliação de seu olhar, que agora ultrapassava as fronteiras de Penúmbria. Não levou muito tempo para que começasse a corresponder-se “com os maiores filósofos e cientistas europeus, aos quais ele se dirigia a fim de que lhe resolvessem problemas e contestassem objeções, ou então só pelo prazer de discutir com espíritos melhores e ao mesmo tempo exercitar-se nas línguas estrangeiras” (Ibid., p. 195), agindo como verdadeiro cidadão do mundo. Sabendo os meios de alcançar informações, o barão tornou-se a janela pela qual o penúmbrios vislumbravam o exterior:

Ficava nas árvores da praça e era rodeado pelo pessoal do porto e do campo que desejava explicações sobre as notícias, pois ele recebia as gazetas pelo correio, e além disso alguns amigos lhe escreviam, entre eles o astrônomo Bailly, que depois foi *maire* de Paris, e outros membros de clubes. A todo momento havia uma novidade: o Necker, e o tênis, e a Bastilha, e La Fayette com o cavalo branco, e o rei Luís disfarçado de lacaio. Cosme explicava e recitava tudo saltando de um galho para outro, e num ramo imitava Mirabeau na tribuna, e noutro Marat entre os jacobinos, e noutro ainda o rei Luís, em Versalhes, colocando o gorro

vermelho para satisfazer as comadres que vinham a pé de Paris (Ibid., p. 288).

Como se já não fosse claro o amadurecimento de Cosme por meio de suas experiências literárias e comunicativas, *O barão nas árvores* representa as influências das companhias e do ambiente sobre o personagem simbolizando-as em seu vestuário. O menino de “cabelos empoados com uma fita atando a trança, tricórnio, gravata de renda, calções cor de malva, espadim e longas polainas de couro branco até o meio da coxa” (Ibid., p. 105) trocou os enfeites e o requinte aprovados pela família por proteção e praticidade para viver entre as árvores: “gorro de gato-do-mato, calças de pelo de cabra, machadinha, casaco de peles e pantufas de texugo” (Ibid., p. 164). Após conviver com a nobreza espanhola exilada, “passara a cuidar-se mais, e deixara de circular vestido de peles como um urso. Andava de calças e casaca bem cortada e cartola à inglesa, e raspava a barba e penteava a peruca” (Ibid., p. 233). Numa fase de maior disposição para aprender com a natureza, “começara a enfeitar a cabeça com penas, como os aborígenes da América, penas de poupa ou de verdilhão, com cores vivas, e além de usá-las na cabeça espalhava algumas pelas roupas” (Ibid., p. 275). Protagonizando um romance moderno, Cosme acabou por figurar o indivíduo dessa época, entendido pelo sociólogo Stuart Hall (2006, p. 11) como sujeito sociológico, cuja “identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”. O contato com os diversos mundos culturais exteriores a esse sujeito moderno preencheria sua personalidade intrínseca. Desse mesmo modo configura-se o barão, que desde a infância demonstrou um espírito rebelde, aperfeiçoado com suas vivências.

Essas tantas experiências também podem ser verificadas por meio de seu poliglôtismo. Como já mencionado, Cosme possuía um bom conhecimento de diversas línguas, suficiente para comunicar-se com pessoas de várias nacionalidades e também brincar com as palavras e suas sonoridades, colocando-se “a declamar: Zu dir, zu dir, gunàika/ Vo cercando il mio ben,/

En la isla de Jamaica,/ Du soir jusqu'au matin! ou então: Il y a un pré where the grass grows toda de oro/ 'Take me away, take me away, che io ci moro!'” (CALVINO, 2014, p. 259). Seria essa prática outro símbolo de seu cosmopolitismo, uma vez que, disposto a estabelecer contato com várias culturas, permitia-se influenciar por elas a tal ponto que não fazia distinção entre seus idiomas quando espontaneamente expressava seus sentimentos. Apresentam-se no romance frases em alemão, espanhol, francês, turco, inglês e russo que são mantidas sem tradução na publicação brasileira por demonstrarem o pluralismo das vivências do barão e, de igual forma, a grande quantidade de visitantes estrangeiros que Penúmbria recebia, pelas mais variadas situações: condes da França, piratas da Barbária (atuais territórios de Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia), navios da Marinha inglesa, campanhas napoleônicas, incluindo o próprio imperador e jesuítas espanhóis.

Sem dar-se conta disso, o vilarejo que sempre tentava espreitar além de suas fronteiras era uma redução da Europa e já continha em si tudo que almejava do exterior: revoluções, aventuras e cultura. Ainda em seu interior, no jardim dos marqueses de Rodamargem, encontrava-se uma pequena amostra do mundo todo, dessa vez não representado por grandes acontecimentos da humanidade, mas por plantas originárias das Índias, das Américas e da Nova Holanda, parte do território brasileiro. Nesse movimento vertiginoso de descobrir continentes dentro de uma pequena Europa que está inserida num vilarejo desconhecido, percebemos uma relativização das fronteiras e das determinações geográficas que fragmentam a Terra. O cosmopolitismo figurado em Cosme parece, aos poucos, tomar conta de tudo, tornando real o que era apenas utopia.

A própria Penúmbria iniciava um processo de transformação quando pensamos em sua condição histórica. Como toda a República de Gênova da qual fazia parte, em 1797 foi invadida pelo exército napoleônico e passou a

pertencer à então República da Ligúria. Oito anos depois, essa região foi anexada ao Império Francês. Em 1814, restaurou sua independência por um curto período, tornando-se, após isso, parte do Reino da Sardenha. Em 1861, este tornou-se Reino da Itália e assim permaneceu até 1946, quando aderiu ao regime republicano. O vilarejo fictício situado em meio a tantas alterações de nomes e formas de governo representa assim não apenas a Europa, mas o mundo todo e as múltiplas marcações territoriais, nomenclaturas, épocas e, principalmente, pessoas que formam sua identidade.

Cosme manteve por toda a vida seu estado de rebeldia inicial, estabelecendo com seu povo uma relação tão problemática quanto a que jovens questionadores e rebeldes geralmente têm com a família. Algumas vezes, sendo ouvido de bom grado, outras, sendo julgado louco, a constância das opiniões alheias sobre o barão era a de que se tratava de alguém bastante excêntrico. Ele próprio concordava sobre a peculiaridade de sua personalidade, entendendo que, mesmo mantendo-se próximo a Penúmbria, necessitava habitar um lugar que não lhe fosse incômodo, opressor, e que lhe oferecesse o isolamento tantas vezes desejado. De todo modo, como pais zelosos, os moradores do vilarejo ofereceriam todos os cuidados possíveis quando o viam doente ou debilitado, demonstrando sua aceitação por Cosme, ainda que não o vissem como um igual e, por vezes, se sentissem incomodados com sua presença. Essa, enfim, é uma lição que podemos aprender com a história do barão cosmopolita: o mundo sem fronteiras, representado por Penúmbria, deve aprender a respeitar as diversidades dos indivíduos, deixando de lado os rótulos para aceitar todas as diferenças que o enriquecem.

Referências

BARTHES, Roland. *O estrangeiro*, romance solar. In: _____. *Inéditos*, vol. 2: crítica. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Roland Barthes)

CALVINO, Italo. *Os nossos antepassados: O visconde partido ao meio; O barão nas árvores; O cavaleiro inexistente*. Tradução de Nilson Moulin. 1.ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

FREUD, Sigmund. O “estranho”. In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1919)*. Tradução de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; XVII)

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2006.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PAGEAUX, Daniel-Henri. Exotismos de ontem e de hoje. In: MARINHO, M. et al (Orgs.). *Musas na encruzilhada: Ensaio de Literatura Comparada*. Tradução de Nubia Tourrucô Jacques Hanciau. Frederico Westphalen/ RS: URI; São Paulo: Hucitec; Santa Maria/ RS: UFSM, 2011.

SAID, Edward W. O alcance do orientalismo. In: _____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.